

joão ferreira

Deus

da subjetividade
à verdade cristã





Escrever sobre a própria história é dar a alma a chance de reviver momentos marcantes e inspiradores da vida.

Agradeço ao Pr. Pipe e a Comunidade Gólgota de Curitiba por me acolherem e me gerarem na fé em meio a tantas crises vividas.

Agradeço à minha esposa Jeniffer Ferreira por me permitir viver sensações e crises, conforme a escrita do livro, e, mesmo assim, me acolher em seus braços de amor após longos períodos de estudos.

Por fim, agradeço a Deus, autor, motivador e consumidor da fé. É a Santidade de Deus desvendada na beleza cotidiana da vida que nos leva a clamar - Venha o Teu Reino.

Prefácio

Escrever sobre minha história foi um desafio de prazer e conquista misturado com emoções que reavivam a fé dentro de mim.

Este livro trata da minha história de vida escarnada e nua perante o espelho, uma revisão de toda a minha trajetória com Deus. Além disso, é o resultado de uma visitação do Espírito Santo, trazendo   memória diferentes momentos em que a vida se manifestou a mim; o fruto de uma compreensão pessoal de que a Teologia da Revela o é o primórdio de toda Teologia Sistemática. Ao considerar isso, meu objetivo é dividir não são um pouco da minha história, mas “trazer à memória aquilo que nos d  esperança”.

A esperança em minha vida é um divisor de águas, e   através do contato com ela que esse livro surgiu como um grito dos silenciados, como a voz que clama do deserto, chamando os amigos ao arrependimento e a uma amplia o das perspectivas da vida.

A esperança que menciono aqui não é aquela com sentido de esperar, como quem aguarda est tico por uma abstra o do

Reino. Refiro-me aqui, parafraseando Paulo Freire, à esperança do verbo esperar, que nos leva a viver um movimento diário de expressão do amor de Deus e do seu Reino.

Boa leitura!

Introdução

A revelação de Deus ao cristão está completamente ligada à sua palavra, à tradição de uma vida comunitária, à intimidade e à complexidade de sua relação subjetiva com o ser humano.

Ao longo da história foram necessários alguns acordos que visavam definir padrões comuns à fé cristã, para que assim pudéssemos nos unir e reconhecer um ao outro como irmãos, participantes de uma mesma confissão de fé.

Embora exista uma confissão aceita pelo movimento ecumênico, a revelação de Deus – principalmente com a hiper valorização dos sentimentos na contemporaneidade – se dá na intimidade de uma relação, o que a torna, portanto, altamente subjetiva.

Neste texto, proponho revisitar áreas da minha formação de fé, fazendo uma análise crítica à luz das escrituras, do Credo apostólico e de alguns teólogos que marcaram a minha caminhada subjetiva com Deus, para nortear e enriquecer nosso debate.

“Deus – da Subjetividade à Verdade Cristã” não é uma sistematização de ideias que visam defender certos tipos de doutrinas, ou mesmo ter o crivo crítico da academia. Esse texto propõe uma leitura capaz de desenvolver em nós a sede, a busca e o interesse pelo tema “Deus”. Guiado por minhas experiências individuais, busco cruzar histórias com teologias e esboçar princípios de revelação e salvação em um texto simples e de fácil leitura.

Usaremos os princípios narrados pelo Credo Apostólico para nos guiar (mesmo que sem citações e/ou referências) na aventura de explorar o tema “Deus”. Acho muito importante ter essa profissão de fé sempre em mente para discorrer sua leitura.

Mas o que é o Credo Apostólico?

É uma sistematização da doutrina da fé cristã que busca reunir os princípios básicos e motores da fé. Foi formado a partir de diversos concílios, ou reuniões, entre o século IV e VIII, que deram uma voz de representatividade às doutrinas básicas do Cristão.

Conhecer o Credo não é somente nortear a fé pela revelação de sua palavra, mas também visitar as múltiplas comunidades de fé que existem desde a vida do mestre, e, principalmente, compreender as respostas dadas por essas comunidades a questões tão contemporâneas.

O Credo Apostólico (Contemporâneo)

Creio em Deus Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra.

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém.

Capítulo 1

Uma História Subjetiva: “não precisa morrer pra ver Deus”

Talvez esta frase da música *Não existe amor em SP*, do cantor Criolo, descreva a subjetividade por trás de toda experiência transcendental ou metafísica enraizada no povo latino. Apesar de eu não ser de São Paulo, a música brasileira urbana sempre teve o hábito de narrar momentos da minha vida. Sou de Curitiba e hoje (2021) moro no estado do Espírito Santo. Aos 32 anos de idade me vejo graduado em Teologia, pós-graduado em Missiologia, pastor de duas igrejas, prestes a ganhar minha primeira filha, embora seja padrinho de outras dez crianças. Quando olho para tudo que Deus construiu em minha história nos últimos dez anos, sou tentado, inclusive, a desprezar os dez anos anteriores que marcaram o final da década de 1990 e início dos anos 2000, em que o cristianismo mundial tem uma chave de virada.

Embora não saiba muito bem o objetivo, se é que existe um, ao escrever esse texto, começo lembrando dos detalhes

da minha subjetividade, que de alguma maneira revelam a concepção sobre o Criador e as escrituras que tenho hoje. Sendo assim, não estou escrevendo uma obra exegética ou mesmo crítica que usa ferramentas da modernidade para construir ou desconstruir um texto. Ao contrário, espero trazer ferramentas da modernidade para os diálogos contextuais e atuais da vida de um latino-americano.

Talvez esse texto seja mais uma aventura de um ser finito que encontrou propósito e infinitude na eternidade de um Deus maior. Claro que quando me refiro a “Deus”, você pode substituí-lo durante o texto todo por palavras que lhe sejam mais familiares a tal conceito. Refiro-me aqui ao conceito que “Deus” traz consigo. Podemos falar de um Deus maior, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, como define o Credo Apostólico de Nicéia, mas podemos falar de deuses que estão presente na nossa vida cotidiana através da representatividade de imagens televisionadas ou fotografadas, em músicas e poesias ou até em times de futebol, laços familiares e tantos outros símbolos que, embora tenham seu lugar de representatividade na integralidade da vida de qualquer ser humano, nem sempre têm a concepção de divindade.

Convido você, então, a rever suas concepções de Deus e toda a revelação a respeito da divindade que te foi concedida, para que possamos construir essa imagem subjetiva de “Deus” não apenas como realidade pessoal, mas como uma realidade coletiva, comunitária que ganha vida em nossa rotina. Lembre-se que Deus é uma realidade revelável, ou seja, partimos do princípio de que o Criador é uma realidade absoluta, mas que esse conceito absoluto

da divindade passa por um processo de revelação gradativo na vida de todo e qualquer ser humano. Ninguém pode dizer que conhece Deus em sua plenitude. Ao fazer isso, resume-se Deus a conceitos filosóficos, sociológicos, argumentativos a respeito da divindade.

A realidade de uma divindade que se revela vem, portanto, dando diferentes concepções da divindade ao longo da história e dos séculos. Assim, percebemos que a divindade, a força maior, o metafísico, a energia, o Jesus e outros nomes que se deram a esse conceito ao longo dos séculos partem de um mesmo princípio: Deus se revela. A revelação da divindade se dá, é claro, em um contexto, mas nunca se pode descartar que trata-se de uma manifestação transformadora na vida dos que a recebem.

Poderíamos gastar muito tempo falando sobre a Teologia da Revelação e de como a maioria dos teólogos do mundo todo adotam esse princípio como base para formulação do conceito de Deus. Mas gostaria, no entanto, de dizer que, embora as diferentes concepções devam ser respeitadas e incluídas em um mesmo pensamento forte sobre Ele, iremos nos ater aqui a duas concepções básicas como lugar de revelação: Deus que se revela para além do tempo e aquele que se revela no meu tempo e espaço. Assim, falaremos das relações subjetivas com Ele.

“Ele é antes de Todas as coisas, e Nele tudo subsiste”

Embora eu tenha sido criado dentro do cristianismo, filho de pastor, foi só depois de estreitar minha relação